

Dossier - Iraque

Atitudes israelitas perante a segunda Guerra do Golfo

Emanuel Adler

Em primeiro lugar, a maioria dos israelitas considera que as ambições regionais de Saddam Hussein, combinadas com a posse de armas de destruição maciça pelo Iraque são um perigo mortal para a existência de Israel. Mesmo presumindo que, se e quando Saddam tiver armas nucleares não as utilizará premeditadamente contra Israel, é possível que uma dinâmica de escalada estratégica possa levar a uma guerra nuclear não intencional. Sem Saddam, assim, desaparece uma ameaça à existência de Israel. Como alguns observadores mencionaram, no entanto, existe o perigo de que a guerra que pretende eliminar a utilização de armas de destruição em massa contra Israel possa, na realidade, tornar o seu uso mais provável.

Segundo, por necessidade ou escolha, os israelitas não têm problemas em simpatizar com a concepção de guerra contra o terrorismo do Presidente Bush. Anos de confronto com a violência palestina e o fracasso do processo de paz de Oslo, levaram muitos israelitas a desconfiar de soluções políticas, e dos palestinos em geral, e a defenderem o uso da força e medidas preventivas. Conceber o conflito israelo-palestino como uma guerra entre o “bem” e o “mal”, no entanto, pode ser parte do problema e não da solução.

Terceiro, a elite dominante em Israel, acredita na engenharia social a aplicar no Iraque e em todo o Médio Oriente, segundo as linhas adoptadas pelo Presidente Bush e os seus conselheiros conservadores. Derrubar Saddam, crêem os israelitas, será o primeiro passo no desenvolvimento de um “novo Médio Oriente”, que não necessariamente aquele que Shimon Peres tinha em mente no período de Oslo. Como é óbvio, esta nova ordem dependerá da hegemonia americana, e nela não cabem nem Arafat nem outros palestinos, que não aceitam a existência de Israel como Estado judaico com fronteiras seguras.

Quarto, mesmo aqueles israelitas que consideram que a resolução do problema do terrorismo em Israel requer que aos palestinos seja dada uma razão para viverem com dignidade e respeito, acreditam, fruto do desespero e da frustração, que esta guerra é uma hipótese de encontrar uma solução justa do problema israelo-palestino, através da

intervenção internacional. Mas uma intervenção internacional concertada, contudo, é pouco provável enquanto se mantiver a actual fricção entre os Estados Unidos e a Europa.

Quinto, há décadas que Israel ligou o seu futuro à América. Fruto da identidade e da segurança, Israel tem uma disposição visceral para apoiar as políticas dos Estados Unidos e para se opor às europeias, tradicionalmente mais equilibradas, se não mesmo pró-palestinianas.

Finalmente, no seu íntimo, os israelitas vêem a sua situação como "preso por ter cão e preso por não ter". A oposição a uma guerra contra o Iraque, por medo ou por convicção, significa enfrentar, no futuro, um Iraque nuclear. Apoiar a guerra, no entanto, pode levar ao que Israel pretende evitar – acusações injustificadas de que esta é uma "guerra dos judeus" – e a consequências inesperadas, a curto e a longo prazo. A maioria dos israelitas vê claramente os perigos de não derrubar Saddam como sendo muito maiores do que os riscos da guerra.

Por mim, acredito que uma resolução justa do conflito israelo-palestiniano teria provavelmente ajudado os Estados Unidos e a Europa a pressionarem, juntos, Saddam a cumprir as suas obrigações, sem guerra. Agora, é tarde de mais para isso, mas não é demasiado tarde para procurar legitimidade internacional para esta guerra e, para o bem de Israel, quando o conflito terminar, para alcançar uma resolução justa para o conflito israelo-palestiniano.